

BAZERMAN, Charles.

Retórica da ação letrada

Tradução: Adail Sobral, Angela Dionisio, Judith Chambliss Hoffnagel, Pietra Acunha. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 200 p.

Fernanda Taís Brignol Guimarães¹
Maria do Socorro de Almeida Farias-Marques²

Não são raros os momentos em que deparamos com questões e dificuldades específicas a respeito da ação de escrita que nos levam a buscar entender os motivos pelos quais nosso texto não atingiu os objetivos esperados, ou, então, não mobilizou os leitores da forma que gostaríamos que mobilizasse, e, em consequência disso, acabou gerando nenhuma ou pouca mudança no âmbito social do qual a escrita faz parte e no qual sentimos a necessidade de comunicar algo. Muitas vezes, o problema já começa antes mesmo de sentarmos na frente do computador ou de pegarmos caneta e papel na tentativa de iniciar a atividade de escrita. Inúmeras dúvidas nos cercam e essas dúvidas acabam gerando incertezas, angústia, ansiedade e até mesmo medo na hora de escrever.

Em *Retórica da ação letrada*, Charles Bazerman responde magistralmente, se não a todas, pelo menos grande parte de nossas dúvidas com relação à escrita e de como realizá-la de modo eficaz. O autor

¹Mestre em Letras / Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL e membro do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Avançados de Linguagens – LEAL/UCPEL. E-mail: fernandabage@hotmail.com

²Doutora em Letras / Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL e membro do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Avançados de Linguagens – LEAL/UCPEL. E-mail: fariasmarquessocorro@gmail.com

inova ao tratar da retórica da escrita pela perspectiva dos gêneros e dos sistemas de atividade, que situam tipicamente os textos no tempo e no espaço, enquadrando-os no âmbito social, histórico e cultural. Retórica e escrita são, portanto, abordadas pelo autor por um novo viés, que em muito difere daquele encontrado nos livros de retórica clássicos. O tema é abordado de forma mais ampla, reunindo elementos fundamentais do campo dos estudos da linguagem – atos de fala, intertexto, coesão e coerência, entre outros – para tratar dos vários níveis que o processo de produção de um texto envolve. Apropriamo-nos aqui da definição do autor com relação à escrita, que, para Bazerman, não se resume a uma tarefa isolada, mas consiste em um processo que se realiza em diferentes níveis e faz parte de uma rede de intertextos, os quais constituem os sistemas de atividade. Apesar de o autor ter como foco escritores experientes, ao abordar questões de escolhas estratégicas a partir de dado repertório e habilidades prévios desses escritores, no sentido de tornar sua escrita mais eficaz, Bazerman também faz alguns comentários, de modo menos central, “que identificam desafios para escritores em desenvolvimento e escritores à margem da sociedade em saber como um escritor pode enfrentar estrategicamente esses desafios (...)” (p. 9).

O livro divide-se em 12 capítulos a partir dos quais o autor oferece um panorama a respeito do processo de escrita, que abrange desde aspectos relacionados à entrada do escritor na atividade de escrita, a permanência deste e a tentativa de envolver o leitor em seu projeto, até questões de finalização e afastamento do texto, que, ao circular socialmente, não mais contará com o domínio e controle do escritor a respeito dos sentidos que deseja construir com seu dizer. A distribuição dos capítulos ocorre em três grandes etapas, em que, conforme o resumo de apresentação da obra, disposto na orelha do livro, a primeira parte, constituída dos quatro primeiros capítulos, destina-se à discussão a respeito das “situações das quais vem e para onde se dirige a escrita”. Já na segunda parte, a partir dos quatro capítulos seguintes, o autor discute “como um texto opera para transformar uma situação e realizar os objetivos do escritor, à medida que começa a tomar forma”. Por fim, Bazerman apresenta, nos quatro capítulos finais, “orientações mais

específicas sobre o trabalho a ser realizado para levar o texto à sua forma final e sobre como administrar o trabalho e as próprias emoções e energias de modo a escrever mais eficazmente”. A seguir, apresentamos uma descrição mais detalhada a respeito de cada capítulo que constitui a obra.

No capítulo 1, *Retórica da fala e da escrita*, Bazerman trata de questões da fala e da interação face a face, que contam com interlocutores situados em um mesmo tempo e espaço, os quais precisam se adequar ao contexto e à situação imediata específica, alternando turnos de fala e podendo abordar tanto aspectos relativos ao momento presente da enunciação, como trazer para o aqui e agora, por meio da referenciação, questões outras, que não compartilham do mesmo lugar ou temporalidade em que a enunciação acontece. O autor remonta, ainda, ao surgimento da retórica, tratando da retórica da fala e do surgimento da escrita e, com ela, das primeiras questões da retórica do texto. Bazerman trata da retórica tradicional e anuncia o surgimento de uma nova retórica, a qual ele aborda detalhadamente nos capítulos subsequentes. O tratamento dado à escrita, nesta obra, se mostra inovador, uma vez que a considera de forma ampla, para além de uma sequência de códigos, ligados a determinado sistema de regras. Para o autor, não há significações pré-definidas. As significações de um texto dependem sempre de escolhas estratégicas que o autor fará a depender do contexto, dos objetivos e das expectativas dos leitores, no âmbito do gênero, o que irá garantir ou não o sucesso da comunicação.

No capítulo 2, *Saber onde se está: o gênero*, deparamos com questões a respeito do lugar de onde se fala. Todo processo de escrita tem início a partir de um motivo, que nos impulsiona à comunicação. Seja para resolver questões burocráticas, atender à solicitação de um professor ou realizar uma tarefa no trabalho. Para tanto, se faz necessário reconhecer o terreno onde pisamos, isto é, nossa escrita precisa estar de acordo com o campo de atividade em que desejamos nos comunicar e deverá atender a determinadas expectativas relativas ao gênero que mobilizamos, já que todo texto se realiza no âmbito de algum gênero. Quanto maior nossa experiência de escrita com determinado gênero, maior será nossa chance de obter sucesso com nossa escrita, uma vez que saberemos o momento certo em que devemos usar maior ou menor grau de formalidade, ser mais

ou menos sucintos, escrever de forma mais ou menos objetiva, dentre outros aspectos, ou seja, a experiência com o gênero nos dá a compreensão a respeito do que pode ou não ser dito por meio do gênero e de que forma podemos dizer. Passamos a entender o funcionamento do gênero e podemos ajustá-lo ao que a situação pede. Nas palavras de Bazerman (2015, p. 35), “Os gêneros são modos de fazer coisas”; trata-se, portanto, de “uma categoria psicossocial de reconhecimento e não algo fixado na forma do texto” (p. 48), ao passo que “cada texto tem condições específicas de produção, circulação e uso” (p. 54). Diante disso, para compreender a retórica pela perspectiva do gênero, se faz necessária “a compreensão de como funciona [a] criação de significações, de modo que possamos criar significações que funcionem melhor para a ação humana.” (p. 55).

No capítulo 3, *Quando se está*, o autor traz à tona questões relativas à temporalidade do texto, a qual pode ser medida, numa escala mais ampla, de acordo com “as modificações dos gêneros que lhes dão forma e os situam em sistemas de atividade”. Além de sermos levados a refletir a respeito do tempo da escrita em termos da antiguidade de determinados textos e de nossa relação com esses textos a partir de determinadas ações – rever um documento antigo, ou até mesmo nossa relação com escrituras sagradas –, o autor mostra também que, embora, determinados textos sobrevivam ao tempo (o que não ocorre com todas as escritas) nossa relação com eles se altera, isto é, um texto antigo não é visto ou mobilizado da mesma forma na atualidade com que foi mobilizado no momento de sua escrita. Reconhecemos marcas do tempo nos textos tanto em função de alterações do gênero quanto em marcas mais palpáveis, como o tipo de papel utilizado, por exemplo. Bazerman discute ainda como o autor pode usar estrategicamente a temporalidade no interior de seu texto, podendo até mesmo administrar o tempo que o leitor irá permanecer no texto. Diante de uma escrita linear e uma sintaxe não muito complexa, o leitor será levado a uma leitura rápida, o que se mostra adequado para textos em que não se pretende perder muito tempo, por exemplo, os manuais ou guias de instruções. Já um texto literário poderá exigir maior concentração em uma escrita mais detalhada

e complexa, exigindo assim mais tempo do leitor, o qual já espera despendar uma maior parcela do seu tempo com esse tipo de leitura.

No capítulo 4, *O mundo dos textos: intertextualidade*, passamos a reconhecer a rede intertextual da qual os textos fazem parte, no sentido de que um texto não é algo isolado. Bazerman mostra como os textos se ligam a outros textos, seja na forma de tomá-los como base e/ou atualizá-los – como é o caso das pesquisas acadêmicas, que consideram estudos precedentes – seja, na relação que mantêm entre si no âmbito dos sistemas de atividades, isto é, nossas ações são mediadas por textos que, por sua vez, mantêm relação com outros textos, os quais fazem parte de diferentes sistemas de atividade. O autor trata, ainda, das realidades processadas em textos, como por exemplo, as mudanças no campo das ciências, que, antes de entrarem para o discurso científico, são processadas a partir de procedimentos e experimentos e são inscritas em textos na forma de diagramas, tabelas etc. Por outro lado, conforme pontua Bazerman, há também o processo inverso, em que os textos geram realidades no nosso mundo material, a exemplo disso, o autor cita a construção de prédios a partir de desenhos arquitetônicos.

No capítulo 5, *Modificação da paisagem: kairós, fatos sociais e atos de fala*, a escrita é definida do ponto de vista da ação. Segundo Bazerman, escrevemos para realizar algo. Portanto, damos o primeiro passo em direção à escrita, impulsionados sempre por determinada necessidade que sentimos de nos comunicar, cumprir determinada tarefa, modificar de algum modo nossa condição no mundo. Bazerman trata dessas mudanças na nossa realidade por meio da escrita em termos de atos de fala. O autor explica que para que um ato de fala torne-se um fato social é necessário que atenda a determinadas condições de felicidade, do contrário estará fadado ao insucesso. A questão do intertexto é retomada neste capítulo, a partir da afirmação de que nossas ações estão sempre envoltas em intertexto, no âmbito dos sistemas de atividade. Preencher um formulário de solicitação de matrícula em determinado curso, por exemplo, envolverá a mobilização de outros textos: registro de nascimento, comprovante de residência etc., que, por sua vez, fazem parte de diferentes sistemas de atividade.

No capítulo 6, *Motivos, situações e formas emergentes*, Bazerman trata das motivações para a escrita, as quais, quando bem localizadas e alimentadas, facilitam a boa escrita. O autor localiza nossas motivações “entre nossas preocupações de longo prazo e a situação emergente” (p. 99). No capítulo, são explorados também os caminhos que nossa escrita pode seguir, a depender das mudanças de foco que o nosso projeto inicial pode tomar. A escrita eficaz, para o autor, “recebe auxílio quando entendemos um repertório mais vasto de direções possíveis e temos uma variedade mais ampla de capacidades para formar nossas motivações emergentes numa variedade mais completa de objetos potenciais” (p. 102). A hibridização do gênero também é discutida a partir do debate a respeito das novas formas que os gêneros padrão podem assumir de acordo com nossos motivos.

O próximo aspecto abordado trata da escrita no âmbito das práticas escolares – para as quais a escrita parte de um objetivo escolar e tem como leitor, um professor, visando à avaliação – e das práticas do mundo real – em que temos diferentes tipos de interlocutores cujas expectativas variam de acordo com os objetivos da enunciação. A partir disso, o autor discute questões voltadas para os papéis dos interlocutores, objetivos escolares (que envolvem perguntas para as quais, muitas vezes, já se tem resposta) X objetivos das tarefas do mundo real (para quem se escreve? Quando? Onde? Com que objetivo?), motivações para a escrita, gênero, circulação social dos textos, transposição didática etc.

No capítulo 7, *Estratégias textuais*, a discussão gira em torno de uma nova concepção de retórica, a qual considera um conjunto de estratégias de escrita e para a qual a ação estratégica chave é a influência, diferentemente da concepção tradicional de retórica, que considera a persuasão como chave da ação estratégica e, portanto, está pautada na argumentação. Na concepção tradicional buscava-se deslocar fatos sociais, modificar a visão do outro a respeito de algo. Já com a nova concepção apresentada pelo autor, a influência funciona no sentido de criar “nossos próprios fatos sociais novos” (p. 115), bem como criar as condições necessárias para resultados bem-sucedidos, para que o “ato de fala seja feliz” (p. 113). As condições estratégicas da escrita se desenvolvem,

portanto, a partir da identificação do que desejamos realizar, do reconhecimento do local de onde falamos e para quem falamos, prevendo, assim, as expectativas do leitor com relação à atividade de escrita na forma da “antecipação das ideias do outro” (p. 113).

No capítulo 8, *Forma emergente e processos de formar significação*, são discutidas questões em torno da tipicidade do gênero, em termos de sua estabilidade, do que se espera tipicamente de um texto de como ele é reconhecido no âmbito do gênero do qual faz parte. Porém Bazerman mostra que para se chegar “ao espírito do evento e à especificação da situação”, se faz necessário “ultrapassar os elementos formais típicos do gênero” (p. 127). Neste capítulo, o autor trata ainda a respeito dos gêneros acadêmicos, os quais se mostram tanto como um caminho para o raciocínio crítico a respeito dos conteúdos debatidos, quanto na forma de uma prova do pensamento, raciocínio e aprendizagem do estudante. Na sequência, o autor discute a tensão entre a forma externa e o pensamento interior, que permeia a escrita. Em suas palavras, “estamos sempre envolvidos na tarefa de criar significação e labutando com a forma para exprimir essa significação” (p. 130). Questões a respeito da inspiração e de como criar condições para a escrita também são abordadas no capítulo.

No capítulo 9, *Significações e representações*, são postas em pauta questões relativas à maneira como percebemos e organizamos os conteúdos dos quais pretendemos tratar em nossos textos. A depender do que queremos realizar com nossa escrita somos direcionados, a partir de conhecimentos prévios a respeito do mundo, a realizar determinadas escolhas, as quais dizem respeito ao gênero adequado e aos conhecimentos a respeito desse gênero. Conforme Bazerman, “Cada gênero está associado a certos tipos de conteúdos disponíveis ou direcionados a um tipo específico de leitor” (p. 138). Portanto, uma escrita eficaz considera “o tempo e o espaço em que cada gênero se situa junto com o cenário, as ações e os atores apropriados”.

Nesse capítulo, o autor traz à tona a questão da ontologia do gênero. Desse modo, são apresentadas “algumas maneiras de pensar os conteúdos a serem selecionados e como representá-los” (p. 137). De

acordo com Bazerman, se o autor tiver consciência a respeito das ontologias e epistemologias compartilhadas por determinado grupo social, sua comunicação será eficaz dentro do grupo, embora não compartilhe do mesmo ponto de vista. O capítulo trata, ainda, de como indexar e representar outros textos, fazendo emergir novamente questões relativas à intertextualidade, já abordada em capítulos anteriores e explicitando como os “Campos intertextuais tornam-se (...) domínios de sentidos estabelecidos e mantidos por grupos sociais em que se entra lendo seus textos, participando deles e contribuindo com eles” (p. 149).

No capítulo 10, *Espaços e viagens para leitores: organização e movimento*, Bazerman mostra como é possível tornar nosso texto inteligível para o leitor, de modo que ele queira permanecer na leitura. De acordo com o autor, os leitores trazem seus conhecimentos para a leitura e buscam estabelecer relações entre o que já sabem e o que estão lendo. O escritor deve, portanto, agir estrategicamente, de modo a criar condições para que o leitor consiga realizar esse movimento dentro do texto. Nesse capítulo, o autor oferece uma nova “perspectiva para pensar e usar características bem conhecidas de texto e linguagem” (p. 155). Assim, quanto maior for o repertório do escritor com relação à organização e estilo, maior será a possibilidade de escolhas no âmbito do gênero. Também são discutidas questões sobre como atrair e manter a atenção do leitor, como fazer uso adequado de elementos e dispositivos de coesão e coerência textual, bem como questões que dizem respeito ao quadro espacial e temporal dos textos.

No capítulo 11, *Estilo e revisão*, somos apresentados a uma nova maneira de pensar o estilo, a qual reside em um conjunto de escolhas que podem ser feitas pelo escritor no âmbito do gênero, que “torna polida a superfície de um texto” (p. 167). No entanto, Bazerman alerta para os cuidados que se tem de tomar ao realizar essas escolhas, já que elas podem “agradar aos olhos do leitor ou brilhar incomodamente” (p. 167). O autor chama a atenção para o fato de existirem estilos mais ou menos adequados de acordo com cada comunidade, que ao serem violados podem até mesmo gerar um bloqueio na comunicação e afastar o leitor do texto. Bazerman discute os diferentes níveis em que a escrita acontece, do

esboço inicial até o processo de finalização do texto, momento em que, geralmente, ocorre a maior parte do processo de revisão, a qual se dá na superfície textual, com o intuito de aperfeiçoar o estilo. O autor aborda também questões que envolvem a tarefa inicial do trabalho com a escrita, em que muitos escritores aguardam pela inspiração. Mas, e se a inspiração não chega?

Bazerman aponta alguns caminhos que podem ser tomados, como por exemplo, a realização de um plano de escrita a partir de um esboço que contenha palavras e pensamentos chave. Em muitos casos, a revisão já vai acontecendo ao longo da escrita, porém muitos escritores preferem deixar esse processo para o final do trabalho. Assim, as ideias vão sendo postas no papel ao longo do processo e o escritor irá se preocupar com problemas de ortografia, gramática ou digitação apenas após o término da escrita de seu texto. Isso contribui para que as ideias principais não sejam interrompidas ou mesmo perdidas. Ao revisar seu texto, segundo Bazerman, o ideal é que o autor consiga ter um distanciamento, um olhar de fora a respeito da escrita, bem como tomar cuidado para que o processo de revisão – o qual com certeza contribui para melhorar o estilo do texto – não acabe distraindo o leitor ao fazer emergir um estilo sobreposto no último momento, o que o autor trata como falhas no estilo ou notas dissonantes.

E, por último, no capítulo 12, *Gerir os processos de escrita e o texto emergente*, Bazerman retoma questões já discutidas em sua obra a respeito da “versão textual da situação retórica” (p. 177), apresentando uma visão geral sobre “algumas de muitas questões psicológicas que podem atuar em vários momentos desse processo emergente” (p. 178). O autor retoma a questão da entrada no processo de escrita, o que ocorre a partir da identificação de uma necessidade, que pode se apresentar ao escritor de modo mais ou menos fácil de ser percebida e realizada. Após o reconhecimento dessa necessidade de escrita, o escritor precisa mobilizar métodos para desenvolver e manter esse processo. Logo em seguida, Bazerman traz à tona a questão da resistência para a escrita, o que pode ocorrer a partir do reconhecimento do escritor a respeito dos desafios que está prestes a enfrentar, os quais ele prefere não ter. A discussão sobre a

inspiração para a escrita também é novamente colocada em pauta. São discutidas questões e sugestões a respeito do que fazer quando a inspiração não vem e de como não ficarmos a mercê de trabalhar em nosso texto apenas quando nos sentimos inspirados.

Outra discussão importante tratada neste capítulo é a de que devemos confiar no processo. Devemos nos engajar em cada etapa e ter em mente que, mesmo que tudo pareça inicialmente desconectado, a mente vem trabalhando de forma consciente ou inconsciente, de modo que teremos nosso momento de glória, em que tudo se encaixará e nosso texto, então, começará a fazer sentido. Bazerman encerra o último capítulo de sua obra tratando a respeito das limitações dos escritores com relação à escrita e de como essas limitações devem ser reconhecidas e aceitas, porém isso não deve fazer com que o escritor não exija sempre o seu melhor. O autor então finaliza sua obra apontando os problemas psicológicos que surgem com o término da escrita, com os quais os escritores necessitam conviver e aprender a gerenciar.

A obra de Charles Bazerman, *Retórica da ação letrada*, é indiscutivelmente uma preciosa contribuição para os estudos da linguagem, uma vez que o autor aborda o problema da retórica da escrita de forma ampla e prática. Adentrar no processo de escrita não consiste em uma tarefa fácil. Assumir a posição de escritor é assumir a responsabilidade pelo que está sendo dito e, de certo modo, abrir espaço para que outros nos dirijam suas respostas na forma de críticas, sugestões, reformulações, bem como na forma de silêncio, o que também se mostra como uma resposta, como bem pontua o autor. A folha em branco assusta, inibe a ação de escrever; mais do que isso, se não tivermos metas e um bom planejamento, isto é, se não tivermos um caminho bem definido a ser trilhado durante todo o processo de escrita, muitas vezes não chegamos a lugar algum. A obra de Bazerman vem contribuir para que possamos assumir essa difícil tarefa e realizá-la da melhor forma possível a partir da análise e do uso estratégico de elementos e recursos da linguagem com vistas a tornar nossa escrita eficaz.

O autor constrói sua retórica da escrita com base em uma perspectiva de gênero, de modo que aborda o “objeto textual sendo feito, as ações que ele está realizando e as pessoas às quais se destina” (p. 177). Bazerman, portanto, discute o processo de escrita para além de uma simples adequação a normas e regras gramaticais, para além da forma, propondo uma escrita que se desenvolve por meio de escolhas adequadas do escritor, que deverá levar em conta o contexto, a temporalidade, os objetivos e os papéis de seus interlocutores na escrita de seu texto. Dito de outra forma, o autor nos mostra que para que a escrita seja realizada de forma eficaz, de modo que atenda aos objetivos esperados, as escolhas do escritor deverão sempre depender da seleção estratégica de elementos linguísticos mais adequados de acordo com a situação tipicamente situada.

Resenha recebida em agosto
e aprovada em dezembro de 2016.